

O DESAFIO DE ATUALIZAR A FILOSOFIA COMO MODO DE VIDA

Jasson da Silva Martins*

Resumo: A obra do helenista francês Pierre Hadot renovou o estudo das escolas filosóficas da antiguidade e redescobriu um traço importante da filosofia: filosofar, para os antigos, é essencialmente escolher um modo de vida e um discurso que lhe seja coerente. O grande desafio da época atual é discutir como essa concepção de filosofia pode ser atualizada. No que segue, após situar a discussão na obra de Hadot e mostrar a presença do tema na filosofia moderna, o objetivo é apresentar alguns desafios que este modo de filosofar deve superar.

Palavras-chave: Filosofia. Helenismo. Vida. Discurso.

THE CHALLENGE OF UPDATING PHILOSOPHY AS A WAY OF LIFE

Abstract: The work by the French Hellenist Pierre Hadot renewed the study of the philosophical schools of antiquity and rediscovered an important feature of philosophy: to philosophize, for the ancient philosophers, is essentially to choose a way of life and a discourse that is coherent with it. The great challenge of the current age is to discuss how this conception of philosophy can be updated. In what follows, after situating the discussion in Hadot's work and showing the presence of the theme in modern philosophy, the objective is to present some challenges that this way of philosophizing must overcome.

Keywords: Philosophy. Hellenism. Life. Discourse.

Introdução

Comumente a filosofia é concebida como uma discussão de textos sábios, como a elaboração de sistemas ou doutrinas abstratas e sua história como uma sucessão de concepções teóricas. O exame atento aos textos antigos, realizado pelo helenista Pierre Hadot (1922-2010), revelou que a primeira significação da filosofia antiga reside em uma escolha de vida estruturada a partir de exercícios, ou seja, forjada na prática de um modo de vida. Essa redescoberta da filosofia antiga abre espaço para um novo olhar sobre a filosofia antiga. No presente artigo eu pretendo apresentar alguns elementos dessa leitura e seus efeitos para a própria concepção da filosofia.

* Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Mestre em filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Doutorando em filosofia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Contato: jassonfilos@gmail.com

A concepção de filosofia, genericamente falando, de Hadot, é um lenitivo para o nosso tempo tão técnico e obscuro. Por isso mesmo essa concepção corre o risco de não ser bem compreendida em sua premissa: ser um discurso que conduz à mudança de vida. Entre nós há poucos estudos que discutem as consequências dessa proposta.

A apresentação da filosofia como modo de vida, no que segue, será realizada do seguinte modo: na primeira parte pretendo resumir e historiar a origem desta expressão nos trabalhos de Pierre Hadot; em seguida, justificar a caracterização da filosofia como modo de vida; na terceira, saltando todo o período medieval, descreverei, brevemente, a retomada do tema na filosofia moderna; na quarta e última parte apresentarei alguns desafios para a atualização da filosofia como modo de vida.

1 A origem da expressão “filosofia como modo de vida”

A expressão “filosofia como modo de vida” é bem recente. Esta expressão encontra-se no subtítulo da segunda parte do livro *O que é isso filosofia antiga?*, um livro publicado por Pierre Hadot, em 1995. A fórmula “*philosophy as a way of life*” foi utilizada no mesmo ano como título de uma tradução parcial da coletânea intitulada *Exercícios espirituais e filosofia antiga*. Lendo as principais obras de Hadot, é possível afirmar que a caracterização da filosofia antiga como escolha de um “modo de vida” é atestada a partir de sua lição inaugural pronunciada no Collège de France em 1983¹.

O tema aparece no horizonte de interesse temático de Hadot já na sua juventude, através do estudo da filosofia como disciplina espiritual², o que remonta a um artigo sobre a física em Marco Aurélio³. Ainda sobre a origem do termo, Hadot redigiu um artigo preliminar intitulado “Exercícios espirituais” que apareceu na “V sessão” do *Annuaire de l'École*

¹ Aula inaugural no Collège de France, sexta-feira, 18 de fevereiro de 1983, com o título: “A história do pensamento helenístico e romano”, recolhida na obra *Exercícios espirituais e filosofia antiga*, 2014a, p. 231-260.

² Conforme informação do próprio autor, em diversas passagens da entrevista: *A filosofia como maneira de viver* (2016, p. 51-56; bem como todo o capítulo 5 intitulado “Experiência unitiva e vida filosófica”, p. 101-114). Outras informações a esse respeito aparecem nas obras *Plotino ou a simplicidade do olhar* (2019) e também em *Wittgenstein e os limites da linguagem* (2014b).

³ “A física como exercício espiritual ou pessimismo e otimismo em Marco Aurélio”, publicado originalmente na *Revue de Théologie et Philosophie*, 1972, p. 225-39, e retomado na coletânea *Exercícios espirituais e filosofia antiga*, 2014a, p. 131-148, originalmente publicado em 1981.

pratique des hautes études. (Cf. HADOT, 2016, p. 56). A redescoberta da importância dos exercícios espirituais na filosofia antiga remonta às pesquisas do helenista alemão Paul Rabbow que, no início do século XX, estudava a conduta da alma nos gregos antigos. Em sua obra *Seelenführung: Methodik der Exerzitien in der Antike*, publicado em Munique em 1954. Como se refere o próprio autor, Rabbow demonstra que os *Exercícios espirituais*, de Inácio de Loyola, encontram sua fonte na tradição antiga. Não há dúvida que a obra de Rabbow exerceu uma influência muito profunda sobre Pierre Hadot.

A expressão “filosofia como modo de vida” não remete a nenhuma corrente de pensamento em particular. A filosofia como modo de vida descreve aquilo que pertence a todos. Ela designa, desse modo, um fenômeno cultural complexo que está na origem do que nós chamamos a “filosofia”. Desse ponto de vista, todavia, a fórmula torna-se tautológica e quase insignificante. Com efeito, a ideia de um *modo de vida* acrescenta pouco à significação primeira da palavra filosofia, uma vez que a filosofia antiga, inicialmente, foi compreendida como uma maneira de viver, à saber, como uma vida orientada para a *sophia*, para a sabedoria. É sobre esta via que se inscreve a obra de Hadot a partir da qual é possível atualizar a filosofia.

A expressão tão comum na boca de Sócrates, hoje em dia parece anacrônica, no contexto de uma cultura, a nossa, em que o “discurso filosófico” tornou-se autônomo, tornou-se um discurso que quer se identificar e se confundir com a própria filosofia. Importa, no que pretendo, mostrar que há uma aproximação entre a filosofia que concede a primazia à vida filosófica e o discurso sobre a filosofia. No entanto, não é possível equiparar, de modo radical, o discurso filosófico e o modo de vida – ao longo do texto utilizarei de modo intercambiável estas expressões –, uma vez que a filosofia como uma maneira de viver estava estreitamente vinculada ao discurso filosófico. Hoje em dia, como afirma Hadot: “Viver realmente como filósofo corresponde a uma ordem de realidade totalmente diferente daquela do discurso filosófico” (HADOT, 2014a, p. 265).

Uma distinção precisa, no entanto, ficar bem clara: é importante não confundir a filosofia como modo de vida com a “filosofia da vida” (Bergson) ou a *Lebensphilosophie* (Nietzsche, Dilthey...). A corrente vitalista que emergiu no século XIX não descrevia a vida filosófica e sim os processos biológicos contidos na origem da experiência vivida. Outra distinção também precisa ficar evidente: embora a filosofia como modo de vida se beneficie

de uma ancoragem profunda nos exercícios espirituais, apesar de sua origem ser contemporânea das purificações religiosas e das práticas corporais associadas à yoga, e apesar de nos primeiros séculos, uma parcela do cristianismo integrar em seu gênero de existência práticas antigas, a filosofia como modo de vida, *enquanto tal*, não é assimilável à religião. Reafirmo o que foi dito antes, de modo peremptório: a filosofia como modo de vida é, inicialmente, um fenômeno da cultura grega que não poderia concorrer nem com a religião popular, nem com o cristianismo⁴.

As características, as peculiaridades e as exigências de certos “exercícios” sugerem que a filosofia *como modo de vida* não é uma “filosofia popular” (HADOT, 2008, p. 376-377), muito embora seja uma filosofia que se endereçava a todos. Apesar disso, é possível afirmar que se a filosofia como modo de vida não tem como objetivo tornar a filosofia mais popular, a experiência que ela descreve e o resultado que cada leitor pode retirar dessa descrição, pode, no entanto, conferir a ela certa popularidade. Essa popularidade não pode ser medida pela massificação do discurso e sim pela afluência de indivíduos que, em todas as épocas, aspiram reencontrar o significado primeiro da experiência filosófica.

2 Os traços de uma filosofia como modo de vida

O que é isso, uma “filosofia como modo de vida”? Para responder, gostaria de distinguir três grandes traços do fenômeno complexo que esta concepção de filosofia recobre. A partir da leitura da introdução da obra *O que é filosofia antiga?*, é possível distinguir três traços próprios à vida filosófica, que se encontram nas grandes escolas antigas – no socratismo, no cinismo, no ceticismo, no epicurismo e no estoicismo: um modo de vida, a adesão a uma escola e seus dogmas e uma busca da sabedoria.

⁴ Sobre a proximidade entre filosofia antiga e práticas religiosas remetemos à obra de Louis Gernet. *Anthropologie de la Grèce antique* (1968), especialmente as p. 239-258. A respeito da yoga, entre outros trabalhos, podemos citar as duas obras de Mircea Éliade: *O xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase* (2002) e *Yoga: imortalidade e liberdade* (2017). Sobre a origem xamânica o capítulo “Os xamãs gregos e a origem do puritanismo”, do livro de E. R. Dodds, *Os gregos e o irracional* (2002, p. 139-180). Pierre Hadot, ao final de sua obra *O que é a filosofia antiga?* (2008, p. 263, ss), justifica a sua recusa em desenvolver sua reflexão nesta direção. Esclarecedora e clássica sobre o tema da religião grega antiga é a obra *Teofania: o espírito da religião dos gregos antigos* (2006), de Walter F. Otto.

Em todas estas escolas a filosofia se apresentava como uma *escolha de vida*, como escolha de uma maneira de viver própria que constituía uma opção existencial em meio a outras opções; esta escolha de vida se encarnava em uma regra de vida formada de *exercícios espirituais*, de práticas pessoais destinadas a operar uma transformação de si; por fim, este modo de vida se prolongava por um conjunto de práticas discursivas, pelo *uso do discurso*, de acordo com a escolha prévia.

Quero dizer que o discurso filosófico deve ser compreendido na perspectiva do modo de vida no qual ele é ao mesmo tempo o meio e a expressão e, em consequência, que a filosofia é, antes de tudo, uma maneira de viver, mas está estreitamente vinculada ao discurso filosófico (HADOT, 2008, p. 18).

Na antiguidade, com raras exceções, a experiência filosófica iniciava em uma escola, em uma comunidade de vida pela qual a escolha de uma maneira de viver exigia uma conversão, uma reorientação ou mudança de direção (Cf. HADOT, 2008, p. 18; 2014a, p. 203-213). Se as escolas se opõem, entre si, sobre certos aspectos, todas elas partilham a convicção de que a filosofia não se resume ao discurso e sim coexiste com um determinado gênero de existência. Esta escolha de vida distinguia, de um lado, a vida filosófica de outros modos de viver e, de outro lado, as escolas entre si. A escolha de um tipo de existência filosófica era, por si mesma, determinada pela escolha de um bem próprio, de um soberano bem. Este soberano bem poderia consistir na virtude moral, na autarquia, na ataraxia, na apatia, etc., dependendo da escola.

Se hoje em dia a escolha de um modo de vida se resume à escolha profissional, na antiguidade a escolha de um determinado modo de vida, através da escolha de um bem, permitia guiar toda a vida, concebida à maneira de um remédio que se prescreve para se prevenir contra as infelicidades humanas, tais como o medo da morte, a escravidão do desejo, o sofrimento, as falsas opiniões, etc. A filosofia antiga se apresentava, então, como um modo de vida completo. Esta escolha da vida comportava uma exigência normativa, à medida que ela aspirava à *sophia*, concebida como um fim e como um ideal de perfeição espiritual. Por isso a conversão, a adesão a uma escola era inseparável de um desejo de sabedoria ou de imitação de um mestre de vida como Pitágoras, Sócrates, Epicuro, Diógenes, Epicteto, Sêneca.

Resumidamente, a tese principal de Hadot é que o discurso filosófico faz parte de um modo de vida ou, mais precisamente, que o discurso filosófico antigo *tem sua origem* em uma determinada maneira viver. Esta dimensão existencial, tão distante de nossa atual concepção de filosofia, era a base comum de todas as escolas antigas:

Para melhor compreender de que maneira a filosofia antiga podia ser um modo de vida, é talvez preciso fazer apelo à distinção que os estóicos propunham entre o discurso sobre a filosofia e a própria filosofia (Diógenes Laércio, VII, 39). Segundo os estóicos, as partes da filosofia, isto é, a física, a ética e a lógica eram, de fato, não partes da própria filosofia, mas partes do discurso filosófico. Eles queriam dizer com isso que, quando se trata de ensinar filosofia, é preciso propor uma teoria da lógica, uma teoria da física, uma teoria da ética. As exigências do discurso, ao mesmo tempo lógicas e pedagógicas, obrigam a fazer essas distinções (HADOT, 2014a, p. 264).

A vida filosófica, sem mais, correspondia à aplicação de um conjunto de exercícios espirituais, à medida que eram estes exercícios que possibilitavam a aproximação do ideal visado ao transformar, progressivamente, a experiência vivida. Hadot explica longamente a escolha da expressão “exercícios espirituais” para caracterizar as práticas antigas (Cf. HADOT, 2014a, p. 275-281 e p. 291-300). Para além de tudo que é dito no longo capítulo “Exercícios espirituais”, o exercício espiritual é caracterizado da seguinte maneira: “... como uma prática voluntária, pessoal, destinada a operar uma transformação do indivíduo, uma transformação de si” (HADOT, 2014a, p. 116).

Hoje em dia dispomos apenas de listas parciais de exercícios, mas sabemos que eles eram variados e praticados sozinhos, com o mestre ou com um conselheiro de existência. Havia, por exemplo, práticas corporais, como a abstinência, as provas de resistência visando o domínio de si; havia ascese mental, como o domínio das representações, a premeditação dos males, a meditação contemplativa, o exercício da morte e o exame de consciência; enfim, havia práticas mistas tais como o diálogo, a escuta, a escrita e a memorização das notas pessoais. Segundo a tipologia de Hadot, podemos reunir estas práticas em três grupos: os exercícios conforme a natureza, os exercícios que implicavam relações sociais e os exercícios pessoais (HADOT, 2014a, p. 272-274; 2008, p. 259-313).

Hadot não hesita em afirmar que toda filosofia antiga é um exercício espiritual, visto que mesmo na mais alta *teoria* – a filosofia de Aristóteles, por exemplo –, o ponto de vista contemplativo da metafísica pode servir de *práxis*, de exercício de desapego, como exercício

de indiferença. Influenciado pelo estoicismo, para Marco Aurélio, por exemplo, o exercício por excelência seria aquele que permitia adotar o “ponto de vista do alto”; trata-se de uma meditação contemplativa através da qual o filósofo adota uma perspectiva universal. De uma maneira mais geral, para Hadot, a atividade filosófica pode ser descrita como uma conversão do olhar ou uma transformação da atitude natural que traduz uma mudança radical na maneira de ser e de perceber o mundo.

Através de diversas fontes, sabemos que a prática da vida filosófica não era realizada sem discurso. Se o papel e o lugar dos *logois* variavam segundo as escolas – algumas o desenvolviam, enquanto outras o reduziam ou o suspendiam – os *logois* serviam geralmente para justificar uma opção existencial. É neste sentido que o discurso estava subordinado à escolha de vida (ALMEIDA, 2011, p. 105 ss). A introdução à própria vida filosófica exigia um discurso de tipo *psicagógico*, quer dizer, de um discurso destinado a formar um discípulo e permitir conduzir sua alma. A prática do discurso permitia ao discípulo se apropriar da regra de vida escolhida a fim de transformar sua existência: “Não há discurso que mereça ser denominado filosófico se está separado da vida filosófica; não há vida filosófica se não está estreitamente ligada ao discurso filosófico” (HADOT, 2008, p. 251).

Desse ponto de vista, o discurso obedecia a uma função pragmática independente da procura do conhecimento. A ideia de que exista uma “pragmática” do discurso filosófico encontra apoio sólido em Hadot, visto que ele estima que o escrito antigo deve ser sempre interpretado na perspectiva do efeito que ele pretende produzir sobre o destinatário e não como a justificação arbitrária de uma teoria. Sócrates, Diógenes e Pirro não escreveram nada, eles justificavam a sua vida filosófica por meio do uso direto da palavra e dos atos memoráveis. Os discursos escritos eram utilizados pelos acadêmicos, pelos epicuristas e pelos estoicos. Sob forma de exortações, de cartas e de tratados, o discurso racional servia, frequentemente, para justificar uma opção existencial a fim de lhe conceder uma base “inabalável”. Neste sentido, mesmo a procura do conhecimento mais exigente se reportava ao modo de vida que se queria justificar.

O discurso da filosofia antiga não aspirava *informar* os leitores, ele visava, antes, *formar* um discípulo. O discurso filosófico antigo não era simplesmente informativo, como tornou-se hoje, mas, do início ao fim, pragmático. A propósito dos discursos de apropriação, encontramos um exemplo nos estoicos. Se a exortação justificava uma opção existencial e o

diálogo servia à formação, os *hypomnêmata*, eram, exclusivamente, consagrados à apropriação de uma regra de vida. Alguns cadernos de notas, que era cômodo ter à sua disposição em todas as situações, permitia rememorar a doutrina filosófica a fim de adotar a atitude requerida face aos acontecimentos. Estes escritos pessoais, que davam forma a um material diverso, serviam também à meditação cotidiana. Sempre “a mão”, eles eram mais que um simples “apêndice da memória” (FOUCAULT, 2004, p. 144-162). Como se sabe, o *Manual* de Epicteto, redigido por seu discípulo Arriano, e os *Meditações* de Marco Aurélio pertencem a estes *hypomnêmata*.

Estas considerações sobre a dimensão discursiva do modo de vida filosófico mostram que o discurso de justificação racional, a saber, a argumentação, não era autônoma na filosofia antiga, visto que esta era em grande parte subordinada à uma opção existencial tanto quanto uma visada *pragmática*. O helenista André-Jean Voelke descreve muito bem a virtude da distinção que se pode estabelecer entre a força e a verdade de um discurso, cujo pressuposto é este: o “poder de agir” do discurso determina sua “capacidade de interessar à razão”⁵. Para finalizar este tópico, é preciso destacar o quanto a filosofia não pode permanecer indiferente à relação entre escolha de vida e discurso.

5 A vida filosófica na cultura moderna

A filosofia como modo de vida se desenvolveu para além do fim da Antiguidade e sobreviveu à sua apropriação pelo cristianismo. É sabido que o pensamento filosófico moderno evoluiu muito e se tornou um saber teórico rigoroso que deveria romper com os exercícios espirituais, com as práticas de vida e com as artes da existência. Aceitar este pressuposto conduz à seguinte afirmação: a filosofia moderna não obedece mais ao esquema clássico da filosofia antiga⁶. Esta aproximação universitária da filosofia pressupõe que a filosofia progride, que os “discursos filosóficos” se refinam e se tornam cada vez mais técnicos. Do ponto de vista universitário, a filosofia como modo de vida não teria sobrevivido

⁵ A obra de André-Jean Voelke, *La philosophie comme thérapie de l'âme*, possui dois capítulos centrais para entender essa relação: “A função heurística da tradição” (p. 1-11) e o capítulo “Interesse da razão e a atualidade dos textos filosóficos antigos” (p. 13-33).

⁶ Esta é a posição que adota o ensino universitário que apresenta a filosofia moderna como uma sucessão de grandes sistemas abstratos que vai de Descartes a Nietzsche, passando por Kant e Hegel.

à ruptura moderna enquanto “filosofia”. Resta à filosofia, então, redescobrir os modos de atualização da filosofia como modo de vida, uma vez que o pensamento moderno obedece a outro esquema teórico e prático.

Do ponto de *vista teórico*, assiste-se a um questionamento da filosofia clássica através de uma crítica da escolástica decadente. De um ponto de *vista prático*, a filosofia moderna desenvolve uma concepção instrumental da relação entre o pensamento e a natureza, uma concepção inédita que se duplica em uma distinção nova entre a teoria e a prática. Foucault partilha desta leitura, uma vez que em sua obra *A hermenêutica do sujeito*, descreve como o pensamento moderno se separou, pouco a pouco, das exigências da espiritualidade antiga. É isso que ele caracteriza como sendo o “momento cartesiano”:

Pois bem, se fizermos agora um salto de muitos séculos, poderemos dizer que entramos na Idade Moderna (quero dizer, a história da verdade entrou no seu período moderno) no dia em que admitimos que o que dá acesso à verdade, as condições segundo as quais o sujeito pode ter acesso à verdade, é o conhecimento e tão somente o conhecimento. É aí que, parece-me, o que chamei de “momento cartesiano” encontra seu lugar e sentido, sem que isso signifique que é de Descartes que se trata, que foi exatamente ele o inventor, o primeiro a realizar tudo isso. Creio que a idade moderna da história da verdade começa no momento em que o que permite aceder ao verdadeiro é o próprio conhecimento e somente ele (FOUCAULT, 2018, p. 17-18).

A leitura da obra de Hadot permite complementar a tese de Foucault, admitindo que há prolongamentos modernos da vida filosófica antiga. Foucault procurou por estes prolongamentos nas práticas sociais e não através das práticas filosóficas. O que há de comum aos autores é a tese em si do prolongamento; a discordância aparece quando se trata de indicar a fonte em que ambos os autores fundamentam este prolongamento. Não é possível atenuar essa discordância. Uma reflexão mais exigente procuraria antes libertar os prolongamentos das atitudes existenciais e das práticas antigas na cultura moderna.

Segundo Hadot, a atitude existencial e os exercícios espirituais experimentados pelos filósofos da antiguidade não desapareceram completamente das preocupações dos autores modernos. Para se convencer disso, é suficiente observar os prolongamentos da “tradição dos exercícios espirituais” por intermédio da leitura dos textos a fim de reencontrar os exercícios espirituais daqueles que os praticaram por conta própria.

Nós passamos nossa vida a “ler”, isto é, a fazer exegese e até exegese de exegese [...], nós passamos nossa vida a “ler”, mas não sabemos mais ler, isto é, parar, libertarmo-nos de nossas preocupações, voltar a nós mesmos, deixar de lado nossas buscas por sutilezas e originalidade, meditar calmamente, ruminar, deixar que os textos falem a nós. É um exercício espiritual, um dos mais difíceis (HADOT, 2014a, p. 66).

Aprender a ler pode levar uma vida, como afirma o velho Goethe, em um dos tantos diálogos anotados por Eckermann:

Ele fez troça com a dificuldade da leitura e com a presunção de muitas pessoas que sem nenhum estudo prévio e conhecimentos preparatórios logo se lançam à leitura de quaisquer obras filosóficas e científicas, como se estas não passassem de um romance.

– Essas criaturinhas – disse ele – não sabem o tempo e o esforço que *aprender a ler* exige de uma pessoa. Eu precisei de oitenta anos para isso e ainda não posso dizer que alcancei o objetivo (ECKERMANN, 25 de janeiro de 1830, 2016, p. 663-64, grifos do autor).

Hadot apresenta, a título de exemplo, o célebre historiador francês Jules Michelet (1798-1874) como praticante de um estoicismo inspirado naquele do Imperador Marco Aurélio; designa o retorno à natureza, tal como aquele proposto por Henry David Thoreau (1817-1862), em sua famosa obra *Walden ou a vida nas árvores*, com traços propriamente epicuristas e estoicos.

Um olhar panorâmico, curioso e interessado pode revelar que os *Ensaio*s de Montaigne, as *Meditações* de Descartes, a *Ética* de Espinosa e as *Lições de ética* de Kant se reportam todas, de uma maneira ou de outra, à tradição dos exercícios espirituais. Se a meditação de Descartes é de fato uma meditação, quer dizer, um exercício de pensamento, a leitura dos *Ensaio*s de Montaigne lhe permite descobrir um homem do século XVI que está ligado ao estoicismo, ao ceticismo, bem como ao epicurismo.

Além disso, o prolongamento moderno dos exercícios espirituais por ser um esforço de reatuaização individual, vale igualmente para Kierkegaard, Schopenhauer e Nietzsche, os autores de três abordagens existenciais. Eu seu artigo consagrado a Sócrates, Hadot mostra como Kierkegaard permanece profundamente socrático em sua reatuaização da comunicação indireta por intermédio da escrita pseudonímica:

Trata-se de fazer o leitor sentir seu erro, não o refutando diretamente, mas o expondo a ele de tal modo que sua absurdidade lhe apareça claramente. É completamente socrático. Contudo, ao mesmo tempo, pela pseudonímia, Kierkegaard dá a palavra a todos os personagens que neles estão. Ele objetiva assim seus diferentes eus sem se reconhecer em nenhum, como Sócrates, por suas hábeis questões, objetiva o eu de seus interlocutores, sem se reconhecer neles (HADOT, 2014a, p. 97-98).

No que diz respeito a Nietzsche, de certo modo, seu pensamento deve ser instruído por sua relação com Sócrates, uma relação complexa e ambígua, de admiração e de ódio. Essa redescoberta dos exercícios espirituais, através do ato de leitura, permitiu a Hadot consagrar alguns textos sobre a prática dos exercícios espirituais a partir de Goethe e sobre a prática da escrita filosófica em Wittgenstein. A propósito do lógico austríaco, o jovem Hadot, interessado na mística, descobriu no *Tractatus lógico-philosophicus* que o indizível, quer dizer, a própria presença do mundo, se mostra como um gênero literário admirável: uma espécie de aforismos numerados que terminam com um convite ao silêncio (Cf. HADOT, 2014b, p. 21-41). A propósito dessa transformação de si pela meditação filosófica, o próprio Hadot revela o quanto se exercitava para transformar a sua própria existência.

Ao escrever este livro, sentindo que envelhecia, fui perseguido pelo *Memento mori*. No entanto, sobre a influência de Goethe, compreendi toda a importância do *Memento vivere* e pensei, então, que o lema goetheano – “Não se esqueça de viver” – poderia muito bem resumir o conteúdo de meu livro e constituir seu título (HADOT, 2019, p. 10-11).

Algumas destas reflexões sobre a importância de viver e morrer na história das ideias relembra não somente a figura de Sócrates, mas também certas preocupações de Nietzsche. No breve ensaio intitulado *Schopenhauer como educador*, Nietzsche pleiteia uma verdadeira “vida filosófica”, quer dizer, uma visibilidade da filosofia através da vida vivida e não “somente nos livros”. A passagem abaixo ilustra bem em que medida um filósofo do século XIX poderia ser sensível à necessidade de atualizar o ensino da filosofia antiga na Alemanha de seu tempo:

A consideração que tenho por um filósofo aumenta na proporção exata em que ele é capaz de se oferecer como exemplo. Não há dúvida de que ele pode arrastar consigo povos inteiros por meio desse exemplo; a história indiana, que é praticamente a história da filosofia indiana, é prova disso. Esse

exemplo, porém, deve ser visível não meramente em livros, mas em sua própria vida, da maneira, portanto, como os filósofos da Grécia ensinavam, mais pela expressão do rosto, postura, vestimenta, alimentação e modos que pela fala ou escrita. Quanto ainda nos falta na Alemanha para alcançarmos essa corajosa visibilidade da vida filosófica! (NIETZSCHE, 2018, p. 29).

Em boa medida, muito do que caracteriza a vida filosófica moderna e o modo de vida que lhe é comum diz respeito à época contemporânea. Na última seção do presente artigo, consagrada à atualização da filosofia como maneira de viver. O desafio de atualizar a filosofia como maneira de viver hoje é enorme. Demonstrarei em seguida a presença e a permanência da relação pensar/saber, no interior de uma cultura letrada e não mais através de escolas filosóficas, como ocorria na antiguidade.

6 Atualizar a filosofia como modo de vida

Faz sentido propor uma maneira de viver filosoficamente hoje? Apesar da simplicidade, esta questão aponta para algo profundo que vai além do questionamento habitual. Com efeito, não se trata de saber se uma nova teoria ética é possível, mas saber se é possível, dado o estado atual de nossa relação com o mundo e com nossas instituições, interrogar nossa própria maneira de conceber a filosofia. A vida filosófica é ainda possível hoje, como sempre foi em todos os tempos. Trata-se de uma escolha existencial que pode ser reconhecida em nossa época e através da qual o discurso filosófico que lhe dá embasamento seja também reatualizado.

O problema da atualização é “contemporâneo”, visto que ele apenas retorna ao espírito de uma antiga prática, através de sua originalidade e de seu discurso. Falta, no entanto, a escola e o mestre. É preciso suplantar a ausência de um mestre e adotar um modo de vida filosófico que não pressuponha nenhuma contribuição teórica atual ou original, tal como ocorria na antiguidade:

Mas, na Antiguidade, um filósofo não era um personagem que escrevia obras de filosofia, era qualquer um que levava uma vida de filósofo. Exceto o caso de Arriano, de resto um homem de Estado, como Rústico, o mestre de Marco Aurélio, se esforçou para viver como filósofo (HADOT, 2013, p. 110).

Na parte final de sua obra *O que é isso a filosofia antiga?*, Hadot pergunta se não é possível e urgente descobrir tanto a noção de filosofia quanto de filósofo apenas através da representação do que podemos acessar daquilo que chegou da antiguidade:

Não seria urgente descobrir a noção antiga de “filósofo”, o filósofo que vive e escolhe, sem o que a noção de filosofia não terá sentido? Não se poderia definir o filósofo não como um professor ou um escritor que desenvolve um discurso filosófico, mas, segundo a representação constante na Antiguidade, como um homem que leva uma vida filosófica? (HADOT, 2008, p. 386, grifos do autor).

Exceto Arriano, o discípulo de Epicteto e autor do célebre *Manual*, os exemplos de Catão de Útica e de Marco Aurélio são muito edificantes para ilustrar este fato. A propósito do caráter fútil da originalidade em filosofia, Sêneca, que resume em diversos momentos de suas *Cartas a Lucílio* a teoria estoica, considera que todos os remédios para as doenças da alma estão disponíveis e que o que é preciso é apenas aplicá-lo:

Mas, admitindo que os antigos já descobriram tudo, no uso, no conhecimento, na organização dessas descobertas haverá ainda assim uma parte de novidade. Imagine, por exemplo, que nos foi transmitida a receita para a cura das doenças dos olhos: não será necessário procurar novas fórmulas, mas haverá que adequar os medicamentos conhecidos à doença e à situação concreta. [...] será necessário preparar os ingredientes, escolher o momento oportuno para a aplicação, determinar a posologia em função de cada caso. Ora os antigos inventaram os remédios adequados aos males da alma, mas cabe-nos a nós averiguar o modo e a ocasião em que eles devem ser aplicados. Os nossos predecessores fizeram muito, mas não fizeram tudo (SÊNECA, 2010, Carta 64, 8-9, p. 227).

Pode-se concluir que esta atualização do estoicismo, para a escola de Epicteto, exigia viver à maneira estóica e aplicar os remédios reconhecidos pela escola. A atualização da filosofia como modo de vida hoje exige viver como filósofo, certamente, mas também exige mostrar-se, igualmente, através de um “novo discurso” filosoficamente pertinente. Por que isso? Porque hoje, longe de estarmos vivendo uma era esclarecida ou em processo de esclarecimento (Kant), vivemos um imediatismo perverso que sufoca a meditação filosófica ou a vende em pequenos breviários para apressados. É preciso defender a filosofia como modo de vida dos que sabem “tudo” de perverso que as escolas helenísticas produziram sem ter lido uma linha de Epicuro, de Epicteto, de Sêneca ou de Marco Aurélio. A tarefa mais

urgente que pesa sobre a filosofia como modo de vida, assim como ela foi descrita acima, é a atualização. Há, pelo menos, duas razões principais para isso: uma que versa sobre o saber filosófico e a outra sobre a ética.

Primeiramente, não consideramos mais totalmente a filosofia como prática de um “saber-viver” fundamental, mas como um saber especializado que se expressa segundo uma linguagem técnica. Se a vida filosófica se praticava em uma escola, no coração da cidade e em si mesmo, a filosofia atual se discute nos lugares de ensino e nas publicações sábias que lhe são associadas. Em segundo lugar, não se compreende mais o mundo, a natureza, a vida social e o indivíduo da mesma maneira que os gregos antigos. Não é possível negar o avanço teórico considerável da filosofia e das ciências após o Renascimento e o Século das Luzes, porém, a ética moderna questionou a ética da virtude em proveito de aproximações normativas, diminuindo o espaço da filosofia como modo de vida e se contentando em discutir as implicações da normatividade na sociedade em uma perspectiva cada vez mais deliberativa.

A ruptura realizada pela filosofia moderna implica no seguinte: para atualizar a filosofia como modo de vida, do ponto de vista da ética atual, é preciso encarar uma transformação radical que torne possível a passagem da ética à vida filosófica, a passagem de um discurso sobre os valores e normas a uma aproximação da ética que implica a transformação de sua própria vida. Esta renovação pressupõe responder sim – como fez Hadot – a seguinte pergunta: as atitudes espirituais experimentadas pelos gregos têm um alcance universal? Sim, pois o verdadeiro destino dos exercícios espirituais consiste em transformar nossa relação com o mundo e dilatá-la em relação com o cosmos.

Na perspectiva cósmica adotada por Hadot, o exercício mais englobante consiste em “reinsere o eu no mundo”, apartando-o de seus interesses egoístas e limitados. Ao descrever, na obra *O que é isso a filosofia antiga?*, os exercícios espirituais dos estóicos e dos epicuristas, Hadot consagra belas páginas à concentração sobre o momento presente e a um sentimento de eternidade que daí decorre. É, sobretudo, na perspectiva de uma expansão do eu em direção ao cosmos, de uma contemplação renovada do mundo e de sua existência⁷, em

⁷ *O que é a filosofia antiga?*, 2008, p. 290. Essa ideia expressa por Hadot encontra-se em Sêneca: “Eu por mim costume dedicar bastante tempo à contemplação da sabedoria; olho-a com os mesmos olhos de embevecimento com que contemplo de vez em quando o universo, isto é, sempre como se fosse a primeira vez” (SÊNECA, 2010, Carta, 64, 6, p. 227).

suma, é a partir do “olhar do alto” que Hadot procura atualizar a filosofia antiga. Trata-se aqui de um exercício que visa modificar a percepção do mundo a fim de tender rumo à sabedoria:

Do mesmo modo que, para perceber o mundo, é preciso, por um exercício de concentração sobre o instante, perceber, de certa forma, sua unidade com o mundo, assim também, para reconhecer a sabedoria, é preciso, de algum modo, se exercitar na sabedoria. [...]. Assim, no fundo, é num mesmo e único movimento que se revela, ao amante da sabedoria, o mundo, percebido na consciência do sábio, e a consciência do sábio, mergulhada na totalidade do mundo (HADOT, 2014a, p. 326).

Do ponto de vista da filosofia contemporânea, a proposta de Hadot pode apresentar ao menos dois problemas: inicialmente, esta proposta de uma filosofia como modo de vida deve subestimar a radicalidade da ruptura instaurada pela modernidade, quer dizer, minimizar o fato de que a concepção moderna do mundo rompe com a concepção antiga de mundo e o fato da filosofia moderna imputar à filosofia como modo de vida um caráter mais religioso que filosófico; em segundo lugar, reconhecer que a reatualização individual dos exercícios espirituais não é necessariamente válido para todos. Se a filosofia como modo de vida propõe experiências e práticas espirituais que tem um alcance universal, não seria possível derivar desta última uma ética com pretensões universais. Apesar disso, Hadot estima que é possível atualizar a sabedoria antiga, não obstante a descontinuidade epistemológica instaurada pela modernidade europeia:

No que concerne à ética vivida, trata-se evidentemente de não se contentar com uma ética teórica, mas de praticá-la. Para os estoicos, trata-se sobretudo do que chamavam de deveres, isto é, as obrigações da vida de todo dia. Portanto, trata-se de exercícios espirituais ou do que eu chamo de exercícios espirituais, isto é, de práticas destinadas a transformar o eu e a fazê-lo alcançar um nível superior e uma perspectiva universal, notadamente graças à física, a consciência da relação com o mundo, ou graças à consciência da relação com a humanidade em sua totalidade, o que engendra o dever de levar em conta o bem comum. Então, tudo isso pode ter um sentido atualmente? Penso que há uma continuidade dessas práticas, mas acompanhadas de uma descontinuidade. Esses exercícios espirituais reaparecem sempre ao longo dos séculos (HADOT, 2014a, p. 345-46).

Como mostrou Hadot, esses exercícios ultrapassaram o curso dos séculos, embora de maneira esparsa, mas não é pelo fato de eles aparecerem “hoje” que eles são pertinentes do ponto de vista filosófico. Ao assumir a continuidade histórica dos exercícios espirituais que

retornam em diversas épocas, Hadot admite que a filosofia hoje não é mais aquilo que ela foi. Há uma certa continuidade, malgrado uma descontinuidade inegável. Depois da modernidade, as referências à natureza cósmica, à razão universal, à unidade da experiência e do discurso interior perderam a sua pertinência: a visada de uma “reinserção do eu no cosmos” não parece tão atualizável como Hadot deixa entender.

É possível, no entanto, praticar um modo de vida filosófico, renovando a sabedoria antiga, sem a expressividade dos antigos. É neste contexto, visando a vida filosófica e não o mero discurso ético, que será possível aquele alcance limitado de sua concepção de ética do mundo:

Da minha parte creio na possibilidade, para o homem moderno, de viver não a sabedoria (os Antigos, na maior parte, já consideravam-na como um ideal inatingível que regula a ação e não como um estado realizado), mas um exercício, sempre frágil, sempre renovado, da sabedoria. E penso que esse exercício da sabedoria pode e deve visar a realizar uma reinserção do eu no mundo e no universal (HADOT, 2014a, p. 313-14).

Essa posição ratifica a concepção filosófica de Hadot, qual seja, que a filosofia é, na verdade, um conjunto de exercícios espirituais, dado que ela é inicialmente a escolha de um modo de vida. Desse ponto de vista, a filosofia não é redutível a um discurso filosófico nem a uma cultura específica, uma vez que as atitudes existenciais e os exercícios espirituais experimentados pelos gregos se encontram em todas as culturas e em todas as épocas. Se o exercício espiritual foi no início “[...] uma prática voluntária, pessoal, destinada a operar uma transformação do indivíduo, uma transformação de si” (HADOT, 2016, p. 116-17), hoje a atividade filosófica por excelência deve ser uma conversão da atitude natural que conduza a uma mudança radical na maneira de ser e de perceber o mundo. Nesse sentido, cada um que queira atualizar a filosofia como modo de vida deve também se preocupar com a sua concepção de filosofia e aproximar ambas.

Conclusão

Esta maneira de atualizar a reflexão filosófica, por meio da atualização da filosofia como modo de vida, proposta por Hadot, não é a única possível, há outros exemplos pertinentes, elaborados no século XIX e XX, que se equivalem. A grade de análise

desenvolvida por Hadot revela um verdadeiro programa para a filosofia como modo de vida e ainda está sendo discutido e elaborado. Uma exposição dessa concepção filosófica pode ser complementada e/ou comparada com outras exposições correntes. A concepção da *filosofia como modo de vida* proposta de Hadot pode dialogar tanto com a proposta de *estética da existência* de Foucault, com a proposta de *terapêutica da alma* André-Jean Voelke e com a proposta de *terapia dos desejos* de Martha Nussbaum. O que todas estas propostas indicam é que este domínio de investigação encontra-se aberto e ainda em franco desenvolvimento.

Para além das obras contemporâneas que discutem e aproximam a vida do discurso filosófico, alguns autores se preocuparam apenas em se retirar, temporariamente, da sociedade a fim de elaborar um modo de vida alternativo. A obra do anarquista Henry David Thoreau e a autobiografia do reformador Gandhi podem ser fontes de inspiração.

Qualquer que seja o estado atual da filosofia e de nossa relação com as instituições de ensino, parece totalmente normal que uma reflexão consagrada à filosofia como modo de vida e ao desafio de sua atualização retorne à filosofia antiga. Meditar sobre a atualização da filosofia como modo de vida é, no fundo, um convite individual à realização de um movimento filosófico mais profundo, aquilo que Hadot nomeia “conversão” rumo ao essencial da vida e do viver, contido nos discursos filosóficos dos antigos.

Referências

ALMEIDA, Fábio Ferreira de. Pierre Hadot e os exercícios espirituais: a filosofia entre a ação e o discurso. **Rev. Filos., Aurora**, v. 23, n. 32, jan./jun. 2011, p. 99-111.

DOODS, Eric Robertson. **Os gregos e o irracional**. São Paulo: Escuta, 2002.

ELIADE, Mircea. **Yoga: imortalidade e liberdade**. São Paulo: Palas Athenas, 2017.

_____. **O xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ECKERMANN, Johann Peter. **Conversações com Goethe nos últimos anos de sua vida**. São Paulo: Unesp, 2016.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito** (Curso dado no Collège de France 1981-182). São Paulo: Martins Fontes, 2018.

_____. A escrita de si. In: _____. **Ditos e escritos** (V). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 144-162.

GANDHI, Mohandas K. **Autobiografia**: minha vida e minhas experiências com a verdade. São Paulo: Palas Athena, 2001.

GERNET, Louis. **Anthropologie de la Grèce antique**. Paris: François Maspéro, 1968.

HADOT, Pierre. **O que é a filosofia antiga?** 3 ed. São Paulo: Loyola, 2008.

_____. **Elogio da filosofia antiga**. São Paulo: Loyola, 2012.

_____. **Elogio de Sócrates**. São Paulo: Loyola, 2012.

_____. **Exercícios espirituais e filosofia antiga**. São Paulo: É Realizações, 2014a.

_____. **Wittgestein e os limites da linguagem**. São Paulo: É Realizações, 2014b.

_____. **A filosofia como maneira de viver**: entrevistas de Jeannie Carlier e Arnold Davidson. São Paulo: É Realizações, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. **Schopenhauer como educador**. São Paulo: Mundaréu, 2018.

NUSSBAUM, C. Martha. **La terapia del deseo**: teoría y práctica en la ética helenística. Barcelona: Paidós, 2012.

OTTO, Walter F. **Teofania**: o espírito da religião dos gregos antigos. São Paulo: Odysseus, 2006.

SÊNECA, Lúcio Aneu. **Cartas a Lucílio**. 4 ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2009.

THOREAU, Henry David. **Walden**. Porto Alegre: LP&M, 2010.

VOELKE, André-Jean. **La philosophie comme thérapie de l'âme**. Paris: Cerf, 1993.